



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Kazuro Nakashima Diana

(entrevista)

São Paulo, SP

2005

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

Número da entrevista: E-953

Nome do/a entrevistado: Kazuro Nakashima Diana

Local da entrevista: São Paulo, SP

Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Data da entrevista: 11/05/2005

Transcrição: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Copidesque: Felipe Eduardo Ferreira Marta

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 55 minutos.

Páginas Digitadas: 31.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

** Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: DIANA, Kazuro Nakashima. Entrevista com Kazuro Nakashima Diana concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 11 mai 2005, 34 p.

SUMÁRIO

Início na prática do Karatê; Japoneses imigrantes e o Karatê; Diferenças entre estilos; Karatê nos Jogos Olímpicos; Trabalho com o Karatê; Karatê e mercado; Esportivização; Profissionalização; Profissionalização da Federação; Cultura oriental.

São Paulo (SP), **11 de maio de 2005**. Entrevista com Kazuro Nakashima Diana (**K.D.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – Kazuro, então, com é que, como é que, é, iniciou o seu contato com o karatê né? E, assim, essa questão que você estava me falando a pouco do mestre imigrante, do seu pai, da sua família dentro do karatê?

K.D. – Bom, é, eu tenho descendência nipônica, né, japonesa mas é por parte da minha mãe. Meu pai, ele tem descendência italiana.

F.M. – Hum.

K.D. – Então eu sou mestiço, neto de japonês, né. Eu sou sansei, né, terceira geração. E aí o que acontece? Eu comecei a praticar o karatê porque meu pai já praticava e isso me interessou e eu gostava muito de filmes, na época o Bruce Lee era o top de linha, né? O tope das lutas, então eu cheguei e falei pra minha mãe: “puxa, eu quero aprender”. E meu pai me colocou pra treinar, então praticamente o início do meu treinamento foi com o mestre do meu pai.

F.M. – Humrum.

K.D. – Né? O sensei “Sadausai¹”, ele foi, ele é um imigrante e nós começamos a praticar nessa época aí. Isso faz mais ou menos, é, 26 anos atrás.

F.M. – Esse, esse mestre, ele é vivo?

K.D. – Não ele faleceu. Após a morte dele eu passei a treinar, eu e meu pai com outro mestre, nós treinamos durante um ano mais ou menos com o sensei Yonamine², que é um

¹ Nome sujeito à confirmação.

² Nome sujeito à confirmação.

mestre também imigrante do Japão. E, aí depois disso, nós conseguimos uma filiação direta do Japão com o mestre direto do estilo. Aí abandonamos esse mestre, né, que tava aqui no Brasil e agora nós temos ligação direta com o mestre do Japão. Mas meu pai, ele é o mestre que me corrige, que me dá assessoria aqui no Brasil.

F.M. – Seu pai, ele não trabalha com karatê, mas ele fica só assessorando? Ou ele trabalha junto com você na academia?

K.D. – Não. Trabalhamos separadamente e, é, ele me mantém assessoria.

[Fita interrompida]

F.M. – Então, Kazuro, você está com que idade?

K.D. – Bom, eu tô com 31, né?

F.M. – E você começou a 26 anos, então bem novo.

K.D. – Uns 4 anos. De 4 pra 5 anos. Esse ano eu completo 31 anos. Vou fazer 31, então são..., iniciei com 4 anos, né.

F.M. – É, deixa eu fazer uma pergunta. Você sabe me dizer se esses mestres, os primeiros mestres imigrantes, se eles vieram pro Brasil com, é, com o intuito de trabalhar de..., sobreviver exclusivamente do karatê? Ou eles vieram com outros objetivos e chegou aqui eles acabaram trabalhando com karatê também ou exclusivamente com karatê?

K.D. – É, a maioria, em geral, eu acredito que não estou errado, tá? Porque a gente estuda muito e a maioria dos professores que vieram do Japão imigrado pro Brasil, eles eram mestres que treinavam em Faculdades, escolas. Porque no Japão o karatê, o judô, é, currículo escolar. Então faz parte da matéria. Eles têm que praticar alguma arte marcial. Então a pessoa escolhe o kendo, o judô, o karatê. E esses mestres que vieram pro Brasil, vieram nesse nível.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então alguns vieram velhos e outros novos. No caso, por exemplo, mestres que chegam aqui novos, então a pessoa chega aqui com 20 anos de idade, 21, 25 são pessoas que eles como nós aqui. Não são mestres, né. Eles são praticantes. Então eles vieram pro Brasil com o intuito de trabalhar, arranjar um serviço, fazer coisas, é, paralela. E através disso eles começaram..., eles treinavam particularmente sozinhos... nos seus cantos. Então, por exemplo, ele tinha o quintal dele ele treinava, ele fazia. E o quê aconteceu com toda esses mestres que vieram? Treinando dessa forma, houve uma curiosidade do povo brasileiro...

F.M. – Hum.

K.D. – ...em saber “puxa, olha, ele fica fazendo umas lutas, né”? Então o povo brasileiro conhecia muito a capoeira, conhecia muito o boxe, né? Que é difundido, né? Mas sobre o karatê sempre foi milenar. Então essas artes marciais começaram a se difundir através de vizinhos. “Olha, você pode me ensinar”? e “você pode me ensinar”?, e “você pode me ensinar?” e “você pode me ensinar”? E isso foi aumentando, aumentando. Então, essas..., esses imigrantes, eles tiveram a consciência de quê? Se eles comessem a trabalhar com isso e cobrar, eles poderiam ganhar dinheiro.

F.M. – Hum.

K.D. – E, isso gerou um outro fator. Fazendo isso, eles passaram a ser considerados como pessoas importantes. Então o karatê trouxe importância na vida deles a nível de, de know-how vamos dizer, então eles vieram pra cá pra trabalhar na lavoura. Muitas pessoas como o meu vô, que não é praticante de karatê, mas é um imigrante, ele veio aqui contratado já do Japão pra fazer serviço escravo. Então ele trabalhava na lavoura era tipo senhor feudal sabe? Ia, cada um trabalhava na sua terra, aí fica aquele pessoal trabalhando, trabalhando e não consegue sair disso, fica escravo. Então através do karatê, essas pessoas conseguiram se libertar.

F.M. – Hum.

K.D. – E eles passaram a ser considerados não mais como, é, vamos supor assim, tipo um gari. Não desmerecendo a profissão, mas uma pessoa assim que faz trabalho braçal.

F.M. – Eles começaram a ter na sociedade uma representação diferente da que eles tinham, né?

K.D. – Perfeito. E as pessoas começaram a olhar eles como mestre. “Olha, ele é mestre de luta”, é mestre disso, é mestre de arte marcial, é mestre de karatê. Isso fez eles subirem. Sem cultura, sem saber falar uma língua, sem saber as vezes escrever o nosso idioma, a nossa letra grego-romana, né?

F.M. – Humrum.

K.D. – Nossa caligrafia, né? Eles conseguiram se difundir nisso. Então isso contribuiu muito pra evolução.

F.M. – E, é, bom aí você disse que seu pai era italiano e ele começou a..., ele que se interessou pelo karatê e começou a frequentar aulas, né?

K.D. – Isso, meu pai nasceu no bairro da Liberdade e ele teve contato com a..., o povo japonês desde pequeno. Então isso fez ele se apaixonar aí e se aproximar cada vez mais pelos costumes orientais. Então, hoje eu vejo o meu pai, ele é mais japonês do que muitos japoneses que moram aqui no Brasil. Ele é uma pessoa assim que adora. A casa dele é toda feita em sistema oriental, ele anda descalço e usa vestimenta de roupa. Ele é um brasileiro mas que adotou.

F.M. – Inclusive ele casou né?

K.D. – Sim, ele casou com minha mãe e, e ficou assim, já..., foi isso, né, a vida toda.

F.M. – Deixa, deixa eu fazer... qual a diferença do seu estilo... Gogu Ryu que fala?

K.D. – Isso.

F.M. – Com os outros estilos? Eu andei lendo alguma coisa e fiquei sabendo que, não sei se isso se confirma, né? Que a diferença ficava mais no que se refere a cidade de origem, o local de origem, do que propriamente uma diferença de técnica muito grande. Isso se confirma ou não? Como é que é?

K.D. – É, é, o que acontece são, são..., existem várias histórias, né? Somente quem pratica sabe a diferença.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então a..., quando a gente explica pra pessoa, a pessoa não entende. Eu vou tentar dar um resumo pra que, que você e as pessoas possam entender. O karatê, ele é dividido por estilos de acordo com a origem da ilha, do local onde que foi nascido.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então tem o estilo de Nahate, Shurite e Tomarite. Eles saíram de Okinawa, da ilha de Okinawa que faz parte do arquipélago do Japão e esses estilos saíram de lá. A partir desses estilos se transformaram os estilos atuais que agora nós temos o Shotokan, o Goju-ryu, que no caso é o nosso, Shito-ryu, Wado-ryu, né. Nós temos o karatê Kyokushin também e assim vai. São inúmeros estilos. Através desses três estilos Nahate, Tomarite e Shurite, é, saíram todos esses estilos de karatê. E conforme foi abrindo essa ramificação, os estilos foram trazendo mais características. Então nós vemos as vezes o Shotokan, por exemplo, é um estilo que ele tem as posturas mais longas, são posturas maiores, mais abertas, né. É, nós vemos o Shorin-ryu que é, ele antecede ao Shotokan, praticamente são primos, né, parentes no estilo. São muito próximos as formas, tudo, mas o Shorin-ryu já é um estilo que ele é menor. As posturas são menores. É, elas são com bases mais altas. No Goju-ryu já existe...

F.M. – Alta em que sentido?

K.D. – Alta de base mesmo, por exemplo, uma postura mais aberta...

F.M. – Sei.

K.D. – E a outra é a mesma posição com a mesma angulação, só que um pouco mais fechada. Isso acontece com o Goju-ryu também. Então ele é um estilo um pouco mais fechado. E muda alguns golpes, mudam a nomenclaturas, por exemplo, no Goju-ryu não existe chute acima da linha da cintura isso dizendo tradicionalmente. Hoje chutando, giratória, chute na altura da cabeça, mas são tudo chutes que foram colocados com o tempo. Mas se pegarmos a linhagem, o Goju-ryu, por exemplo, não tem chute acima da cintura. É o Mayer, que é o chute frontal, um golpe baixo, né, na altura do joelho, então a gente se restringe a isso. Mas, por exemplo, cê pega o Shotokan, ele já tem essa variação. Ele já tem essa, essa, essa mescla, né, e isso vai difundir. Então, nós temos o estilo que puxa também através desse estilo Nahate, Shurite e Tomarite que é a raiz assumiram professores. E esses professores puxaram estilo de acordo com sua característica física. Então, por exemplo, nós temos no estilo Shotokan, nós temos o sensei, é, que tinha um porte físico, ele, ele, ele tinha um porte físico pequeno. Ele era magro, baixo, né, então ele criou um estilo para o quê? Para poder enfrentar atletas mais fortes, lutadores mais fortes. Então ele..., se vê o kata ele praticamente segue um tipo de padrão. Nós vemos no shorim, segue o mesmo estilo. O mestre era, era, assim mais, magro, mais ranzinzo, mais pequeno, então ele criou um estilo semelhante a isso. No Goju, o mestre já era diferente. Ele era extremamente forte. Então ele era muito grande, muito forte e então se criou o estilo e por isso que puxou o nome “Go”, “ju” e “ryu” que é o estilo da força e flexibilidade. Ryu é estilo, “Goju” é força e flexível. Isso é..., tá juntando..., cria uma técnica né? Então se baseia, mas, é, praticamente soco é soco em todos os estilos, chute é chute, chute pra frente é igual, chute pra trás é igual. O que muda é o jeito como é feito.

F.M. – É, eu percebi também olhando o site da Federação alguma coisa no sentido de falar que esses estilos são considerados tradicionais e você tem o...

K.D. – Os estilos modernos?

F.M. – É. Por exemplo, o Kyokushin tá fora disso aí.

K.D. – Sim.

F.M. – Como é que funciona isso daí?

K.D. – Bom, os estilos modernos, é, eles são os estilos que a gente chama que são a terceira geração. Então saímos do Nahate, Shurite e Tomarite, da ilha. Aí se transformou no Goju-ryu, Shorin-ryu e Wado-ryu.

F.M. – Humrum.

K.D. – Aí, em cima desses 4 se tornaram os outros, Shotokan, né que são os estilos modernos. Shotokan, Shito-Ryu são estilos, já mais a frente. O próprio Kiokoshim. Mas não é que é moderno de estar longe, de passou, por exemplo, 100 anos, 20 anos 50 anos. Nada disso. Eles são próximos.

F.M. – Humrum.

K.D. – Eles são próximos com diferenças de 15 anos, 10 anos entre um e outro. Mas é, são modernos porque foi, é, transformado em cima da transformação, vamos dizer assim.

F.M. – Humrum.

K.D. – Né? Então nós temos o estilo Shito-Ryu que é a junção do Goju-ryu, Shotokan e Wado, por exemplo. E junta todos os estilos em um só. Então, quer dizer, foi feito em cima do outro. O Shotokan ele foi tirado do Shorin-Ryu, por isso que são primos. Eles não têm nada a ver um com o outro, hoje em dia, né, nós vemos uma diferença muito grande, eu principalmente que sou um praticante assim de karatê, eu vejo uma diferença muito grande. Porém, nós vemos semelhanças do kata que eles fazem, o nome, as formas, né, então muda um pouco a postura mas eles tem o parentesco.

F.M. – Então na realidade, existe um..., existe diferença mas também não tem aquela coisa de dizer que um é tradicional, outro é moderno, não significa que um é melhor outro é pior. Eles só se diferenciaram enquanto... na forma.

K.D. – Existem características básicas. Por exemplo, o karatê Kyokushin, é um karatê extremamente agressivo.

F.M. – Humrum.

K.D. – Você treina até o limite do corpo, né, então eles visam muito o contato físico. E, você vê, hoje em dia, eu pratico Goju-ryu. Hoje o Goju-ryu não se, não se assemelha nem um pouco ao sistema de impacto, de briga, né, de conflito que o karatê Kyokushin tem. Porém, o mestre do karatê Kyokushin treinou com o nosso fundador.

F.M. – Humrum.

K.D. – Do karatê Goju-ryu. E se nós voltarmos a fita no tempo, o nosso treinamento de Goju-ryu era muito semelhante com o que eles treinam Kyokushin hoje. Que era essas pancadas. Bater em árvore, soca pedra, chutar poste e aqueles treinamentos físico de subir escadas de ponta cabeça e tinha muito isso. Mas o que aconteceu? Com a modernização, nós fomos tirando todos esses treinos intensivos. Por quê? Porque a própria população não aguenta. Então o que acontece? O karatê Kyokushin, ele pegou uma fatia do mercado que gosta de treinar intensamente e os demais karatês que estão hoje em dia, os outros estilos, eles pegam a outra fatia do mercado, que são as pessoas que vêm treinar de repente buscando uma atividade física, uma saúde, ganhar mais resistência, né, aprender uma auto-defesa, aprender a se defender. Então tem, tem muito isso. Então em cada estilo tem sua peculiaridade. Por exemplo, se pegar um lutador de karatê Kyokushin e colocarmos com um lutador de, de judô, eles não conseguem se entender, porque as regras são diferentes. Isso acontece dentro do karatê. Se a gente pega um, um karateca que luta Shotokan e luta..., outro luta Goju-Ryu e nós colocamos os dois pra se confrontar, eles são incompatíveis. São técnicas diferentes. Então o..., quem vai vencer? O melhor atleta. O mestre que diz..., isso eu posso dizer com autoridade de campeão mundial, né...

F.M. – Hum.

K.D. – ...eu digo isso porque já rodei o mundo inteiro e conheço. O mestre que diz que o seu estilo é o melhor, ele é um cego. Não existe. Já confrontei vários atletas e hoje em dia eu uso técnicas de outros estilos pra poder vencer meu adversário. Então, não existe o melhor estilo. Existe o melhor praticante, o melhor atleta, o melhor técnico e essa junção forma um cara, é, perfeito, né.

F.M. – Eu sei, eu sei que existe um interesse do karatê se tornar um esporte olímpico, né? É, isso aconteceu com o taekwondo, aconteceu de algumas modificações e tal e eu queria saber do karatê como é feito isso. Como é que é, é, existem vários estilos, mas aí vai ser só um estilo que vai ser da olimpíada, que, que tá sendo feito nesse sentido?

K.D. – Você já viu que já há uma diferença de estilos...

F.M. – Humrum.

K.D. – ...de linhagem, de karatê moderno e tradicional. Já existe todo esse problema. Em cima desse problema, existe um problema maior que chama-se Confederações Mundiais e Federações Mundiais.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então, com essa diferença toda se criaram Federações e o karatê, por incrível que pareça, é a maior modalidade de artes marciais do mundo. Nós temos em torno aí, se eu não me engano, nós temos 15 milhões de praticantes. Então se você juntar judô, taekwondo, jiu-jitsu, por exemplo, não dá o número de praticantes de karatê. É incrível, é muita gente. Então o que aconteceu? Surgiram várias Federações. Nós temos atualmente três federações que são extremamente fortes no karatê. Que é a WKF, a World Karate Federation, nós temos a WKC que é a World Karate Confederation e nós temos a ITKF que é a International Traditional Karate Federation. Essas três Federações brigam entre elas pra ver quem vai ter a autoridade de levar o karatê pras Olimpíadas.

F.M. – Humrum.

K.D. – E pra levar pras Olimpíadas tem que existir uma pa..., uma padronização pra que todas possam lutar pelas mesmas regras. Muito bem. Numa Federação você usa, por exemplo, luvas com mais acolchoamento. Na outra, não usa luvas, na outra usa luvas branca e vermelha, na outra usa luva azul e vermelha. Isso já tem um problema com luvas. Depois a arbitragem. Uma usa cinco árbitros, outra usa três árbitros, na outra usa quatro árbitros. Aí o sistema muda. Então há uma diferença. Uma treina o koto oficial, que é a nossa área de competição, com limite de dez metros, a outra com oito, a outra com sete. Uma usa roupa tradicional, calça, né, que é... ,que ele usa uma calça de kimono que é especial pra competição, que é tradicional e com a parte de cima do kimono. Outro usa terno e gravata, outro usa calça social e camisa social com gravata...

F.M. – O juiz né?

K.D. – ... pra arbitrar. É o juiz. Então, pô você fica..., é uma coisa, uma permite patrocínio no kimono, outra não permite. Então, eles não entram num consenso. Então a WKF hoje é uma Federação que ela chega mais longe nas olimpíadas. Ela chega até os jogos Pan-Americanos.

F.M. – Humrum.

K.D. – Mas ela não leva o karatê pras Olimpíadas. Por quê que escolheram a WKF? Por quê? Porque ela foi a que deu o primeiro passo.

F.M. – No âmbito do taekwondo, o..., muito importante pra essa questão das Olimpíadas foi o fato do vice-presidente do Comitê Olímpico Internacional ser presidente da Federação Mundial de Taekwondo. Tanto é que existe as duas mais fortes a World Taekwondo Federation e International Taekwondo Federation, só que a WTF conseguiu entrar. E a diferença entre as duas é relativamente grande e a [palavra inaudível] é olímpico e outra não é.

K.D. – Não é.

F.M. – E aí, nesse sentido, foi uma questão olímpica mesmo. O cara era vice-presidente do Comitê Olímpico Internacional e conseguiu.

K.D. – E conseguiu. Então eu acredito que a WKF conseguiu jogar o karatê nos jogos Continentais, Pan-Americanos, jogos Europeus, né, que tem, é, por esse fator. Por ter sido a primeira a dar o passo e tentar chegar. Porém no karatê já não acontece a diferença do taekwondo. Não tem essa diferença brutal entre uma Confederação e outra. Por quê? Porque os atletas sabem que, quando você vai para uma Olimpíadas, pra, pra Olimpíada, é, você automaticamente fica de todo outro lado do circuito. Então, por exemplo, se você entrou na minha vaga e entrou nas Olimpíadas, eu tô fora do resto do circuito.

F.M. – Como assim? Em que sentido você fala?

K.D. – De competição.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então, por exemplo, quem vai pro jogos Pan Americanos? O Felipe. Quem vai pros jogos Mundiais? O Felipe. Quem vai pro jogos Não sei o que? O Felipe. Então os outros atletas ficaram sem vaga. Automaticamente ficam sem competição. Então o que acontece? Eles vão recorrer a outra Federação. Porque se eu nessa não consegui a vaga, nessa eu vou ter uma vaga pro Campeonato Mundial deles.

F.M. – Hum.

K.D. – Então, o atleta ele tem essa, esse, essa opção. Então as federações brigam de mais por isso. Porque pela lei do governo do, do Brasil, né, da nossa nação o atleta pode ir, pode unificar os títulos e pode competir em qualquer federação. Mas os presidentes das federações eles fazem exatamente isso. Eles jogam pressão política em cima do atleta impedindo que ele fica imigrando de uma Federação pra outra.

F.M. – Existe uma certa demonização assim, “tal federação não presta, não vai lá porque lá acontece isso, isso, isso, isso e isso”. Aí você acaba..., o praticante que não conhece de fato como é que funciona acaba achando assim: “Eu faço taekwondo” ou “eu faço o karatê verdadeiro”. Que ele faz, sei lá...

K.D. – É verdade. Acontece muito isso. Na verdade isso, na realidade isso não existe, né?

F.M. – Humrum. Não, pelo que você está dizendo existe diferença, mas aí na hora da luta mesmo é possível que, que, o cara, o Goju-Ryu vai lutar contra quem faz Shotokan...

K.D. – Sim.

F.M. – ...sem problema nenhum.

K.D. – A idéia é essa. É ver qual estilo é mais forte. Qual lutador é mais forte, né? Então, nós temos no kata, que são as formas, né, de, de luta imaginária a competição entre estilos. Um estilo contra o outro, nós temos. Agora, na luta já..., não há um anúncio de “olha eu sou do estilo tal”. Na luta não. Eles se misturam.

F.M. – Existe a regra da luta...

K.D. – Da luta.

F.M. – ...mas os golpes que você vai usar, quê que você vai usar... É possível diferenciar assim, olha... “pô o cara luta Shotokan”, o “cara luta Goju-Ryu”?

K.D. – Não, não dá.

F.M. – Isso nem, nem se for kyokushin não tem como?

K.D. – Não, no kyokushin até dá diferença.

F.M. – Não, mas se você for lutar na regra deles, que é contato total, luta por nocaute aquela coisa toda.

K.D. – Não, mas pra postura dele. Os golpes que eles usam, se colocar um atleta de karatê kyokushin pra lutar contra um atleta de karatê, é, Shotokan, Goju-Ryu. Você vê o estilo de luta dele é bem diferente do estilo nosso. Então ele é um estilo mais parado. Eles trocam golpes muito pesado, eles não dão preferência a esquiava. Eles praticamente [palavra inaudível] mais os golpes do que defendem, entendeu? Então, no karatê que nós praticamos, já tem toda essa, essa gama. Isso não mostra a eficiência entre um e outro né? O que vai mostrar eficiência é no combate. Como se a..., como é um esporte subjetivo, de ponto, não, não visa o nocaute, tirando o karatê kyokushin, não visa o nocaute, é, o que acontece, é, fica muito difícil em saber que é o cara realmente que é o fera, entendeu?

F.M. – Humrum.

K.D. – Então as vezes você vê um atleta com melhor postura, com melhor estilo, golpes perfeitos. O cara golpeia a coisa mais linda que você vê, dá gosto de você ver a pessoa lutar. Aí vem outro que luta até meio desengonçado, mas ele consegue chegar mais rápido e pontua na sua frente e ele ganha.

F.M. – E como é que é considerado o sistema de pontos, assim, nesse..., no karatê Goju-ryu e tal, fora o kyokushin. É por, por entrada do golpe? Aplicação do golpe?

K.D. – Isso. Depender da Confederação, é, existe regras diferentes. Então, por exemplo, na WKF visa o contato, o toque. Então, abaixo do pescoço o toque é médio por exemplo. Eu posso bater fazer com que você perca o ar, eu posso bater e quebrar a sua costela por exemplo, né, se quebrar será avaliado se foi proposital ou não, o use o atleta estava despreparado. Agora, no rosto é só toque. É claro que acontece sangramento, acontece vários problemas, né? Mas é mais toque. A luva é bem acolchoada, ela é, ela é...

F.M. – Pra proteger né?

K.D. – Pra proteger mesmo o adversário e visa mais o ponto. Então golpes acima da cintura e no rosto com as mãos é um ponto. Golpe na altura da cintura com os pés, dois pontos. E golpes na cabeça com a perna são três pontos. Isso pela WKF. Quando você já salta pra WKC, já muda. As luvas já mudam o calibre dela, né, de acolchoamento é menor. Então as pancadas são um pouco mais fortes, mas é um pouco que eu digo assim é coisa mínima.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então eles entram um pouco mais forte, eles dão mais preferência ao golpe que encaixa mais. E na WKC nós temos uma categoria básica que se chama “Shobikon Comitê” Que aí luta sem luva, que ela se assemelha muito a luta do karatê kyokushin. Então é por pontos também, mas visa o nocaute da, do pescoço pra baixo. Eu não posso bater e quebrar o seu maxilar, sangrar você. Eu posso tocar no seu rosto mas do pescoço pra baixo visa a pancada total.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então eles têm essa variação. Você pode optar. A ITKF já tem esse sistema de batida forte mas usa luva.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então, quer dizer, é complicado. Você tem que realmente se especializar no tipo de federação...

F.M. – Eu fiz essa pergunta porque no taekwondo como se estabeleceu WTF como Olímpico, é, a ITF um outro caminho, um outro estilo, campeonato mundial deles tudo separado. Então o que aconteceu com a WTF que eu conheço mais? Além da, da, WTF, tem as Federações, mas a de maior notoriedade é a WTF, né. Então o que acontece? Nas academias passou-se a..., o taekwondo começou..., é, foi aos poucos deixando de ser uma arte marcial e se tornando um esporte. Em que sentido? Na medida em que nas academias você privilegiar apenas as, ah, os aspectos relacionados à competição. Então o treinamento

excessivo de golpes que são teoricamente mais eficientes na competição, esquivas, um treinamento físico muito forte, a associação do taekwondo com os aspectos de preparação física, de nutrição dos atletas, então tudo, é, virou um esporte e, e com isso, também tudo aquilo que é relacionado com o esporte de qualquer forma em termos de preparação física, preparação nutricional pra [palavra inaudível] do taekwondo. E foi se deixando de lado aos poucos as questões o, os, os katas, né, que no caso do taekwondo se chama de [palavra inaudível] ou [palavra inaudível]. Então essas coisas foram ficando pra trás, as coisas mais relacionadas a uma cultura, é, relaci..., que era relacionada ao taekwondo foi ficando meio de lado em função aquilo que estava mais relacionado a cultura do taekwondo esportivo especificamente pra competição. É, no karatê, com o desenvolvimento dele enquanto, é, arte marcial, você falou que ele foi se desenvolvendo e tal, mas agora com essa questão do esporte também entrando, você percebe essa, esse tipo de diferenciação?

K.D. – O karatê quando ele entrar nas olimpíadas, um dia vai entrar, acredito. Eu não vou estar aqui pra poder ver, acredito que agora em 2012 não vai entrar porque na china vão dar preferência para o kung fu, eu tenho certeza disso...

F.M. – Humrum.

K.D. – Então, vai ficar pra 2016, não sei né, eu acho que por volta disso. Mas eu tenho certeza que quando o karatê entrar nas olimpíadas, ele vai se tornar igual ao taekwondo e o judô. O que vai acontecer? O judô desapareceu. Não existe mais judô.

F.M. – Como arte marcial.

K.D. – Como arte marcial, como procura de mercado. A pessoa sai pra procurar, você acha poucos profissionais. Você não vê, é, é, é muito pouco. O taekwondo ta acontecendo a mesma coisa que o judô. Ele tá se perdendo. Exatamente pelo fator que você colocou a Olimpíada, o treinamento, tudo é voltado pro campeonato, tudo é voltado pra Olimpíada, Olimpíada, Olimpíada, Olimpíada. Então o quê acontece? As pessoas que vão buscar com outros fatores, saúde, auto defesa, é, caminho espiritual, a pessoa, ela não permanece na academia. Por quê? Só visa competição, então o outro lado se perde. Então o que acontece?

O taekwondo ta perdendo número de praticantes. Ele vai ficar tão pequeno que você vai achar uma academia de taekwondo uma por estado, por exemplo (risos).

F.M. – Hum.

K.D. – O que acontece com o judô, por exemplo. Você vem e pergunta: “Onde tem uma academia de judô”? Você não sabe. “Onde se ensina judô”? “Ah, sim temos a academia do Aurélio Michel no Itaim”, a não sei o quê, “ah, é a dele”. Por quê? Porque ele é um ícone. O Rogério Sampaio, por exemplo, ele tem uma academia, o Douglas Vieira, de judô, né, o Douglas Vieira dá aula lá no Atlético Oswaldo Cruz. Ele vai lá, ele dá aula lá, mas pô você não conhece, você não fala: “oh, tem uma ali na esquina, tem uma outra atrás”. Não, é outra arte marcial. Então o que vemos agora em todo lugar? Academia de jiu-jitsu, agremio de karatê. Por quê? Não se tornaram esporte olímpico. Quando se tornar, vai acontecer essa perca de mercado. É progressivo isso. Só terminar, pra concluir aqui, é, e se perde exatamente o seguinte, você falou sobre os katas.

F.M. – Humrum.

K.D. – O kata, o judô tinha kata também, não sei se você sabe.

F.M. – Quando eu pratiquei, já era, já era esporte né.

K.D. – Mas existia o kata, como você fazia no taekwondo. Agora, o taekwondo vai perder os katas dele, que você chamou de...

F.M. – É, é, [palavra inaudível]

K.D. – [palavra inaudível]. Então o que vai acontecer? O taekwondo vai desaparecer os katas. Por quê? As Olimpíadas não permite kata do taekwondo. Não tem campeonato sobre isso. O Karatê, já está sendo feito uma, uma organização que, se o karatê entrar vai se diminuir as categorias de pesos, que nós temos muitas, vão se diminuir, então vai ter no máximo quatro categorias de peso e, vai o quê? Desaparecer com o kata. As competições de kata. Então, o karatê vai ser só shiai, só luta. Então a parte tradicional, de base de estilo

que é aquilo que você vê nos filmes, as posturas, as aplicações, aquela coisa bonita, vai sumir. E isso vai perder a graça. Então o karatê vai sair perdendo. Então uma coisa que a gente não pode esquecer, tem que ter mercado. Aqui na academia, por exemplo, eu trabalho muito pouco competição. Eu tenho um horário específico só para competição. O meu ganha pão, que sustenta a academia é karatê. Mas aí você fala: “Pô, mas isso é possível”? Eu não sei, mas na minha academia funciona. As academias do bairro, dos outros lugares estão indo pro mesmo caminho. Só se treina competição, você...

[Fim do lado A da fita]

K.D. – É isso aí Felipe, é exatamente isso aí. É, o karatê, ele está se perdendo como as outras modalidades estão se perdendo e a gente perde de curtir o mais gostoso que é você vir numa academia pra ganhar amigos, pra aprender a se defender, pra você criar um ambiente, pra você ter mais força no dia a dia, você ter mais objetivo na sua empresa, você não perecer no trabalho, nas adversidades, perder um filho, perder um parente, você ter mais força, né. O karatê, o taekwondo, o judô, eles não podem perder isso. E hoje tem um mercado muito grande nesse ponto.

F.M. – Então, você tocou em alguns pontos interessantes pra gente continuar conversando que é o seguinte, primeiro, primeiro é assim, você vive exclusivamente do tae..., do karatê, né. Ou, ou você tem uma alguma outra formação? Você...

K.D. – É, eu sou..., eu tenho formação pela PUC. Eu sou economista.

F.M. – Humrum.

K.D. – E, tenho terceiro ano, tá trancado agora, faculdade de Fisioterapia.

F.M. – Humrum.

K.D. – É, eu optei por fazer porque eu fiz a Faculdade de economia e não me senti bem. Eu vi que não era aquilo, terminei... E aí eu queria seguir a área médica. Porque eu comecei a estudar, tava me dando muito bem, mas a Faculdade era muito longe e o mercado do karatê

que eu trabalho começou a dar certo, todos os meus empreendimentos e agora eu tô começando a colher tudo que eu, que eu consegui esses anos todos. Então a Faculdade de fisioterapia tá trancada lá e eu, se tudo der certo eu acredito que eu não vou precisar terminar.

F.M. – Humrum.

K.D. – É, eu acredito que eu não vou precisar terminar porque as coisas estão indo muito bem. Agora, caso o mercado piorar, eu retorno. Mas eu acredito que isso vai ser quase impossível. Então, é, é, eu vivo muito bem do karatê. Tenho outro serviço, uma empresa que eu tô, é, tocando ela parte, mas é, eu poderia me sustentar muito bem só com o karatê. Isso é muito difícil a gente ver isso acontecer.

F.M. – Isso é difícil. É difícil mesmo. E outra questão é a seguinte, você pontuou muito a questão do esporte, a medida em que vai tornando esporte você acredita que vai perdendo um pouco da característica própria. Mas eu, eu tenho uma outra questão, também nesse sentido, que é a seguinte: não seria também em função do fato de que, é, aqueles mestres tradicionais que trouxeram o karatê pra cá, ele, é, estão falecendo e tudo..., e os brasileiros, é, que tiveram aula com ele, com esses mestre tão começando a tocar seus próprios negócios dentro do karatê, dentro dessa perspectiva de mercado e aí, nesse sentido acaba, é, priorizando aquilo que ele acredita ser o melhor no mercado, naquela ocasião? Vamos supor, é, eu, eu, apesar de você ter dito “ah, não o kara... o taekwondo competição, aí tá perdendo aluno”. Mas, é, muito provavelmente se você for entrevistar uma pessoa, um mestre de taekwondo, ele vai dizer assim: “não, eu dou técnica de competição porque é isso que as pessoas vem procurar aqui. Então é o mercado que está exigindo isso de mim”.

K.D. – Sim, perfeito. Eu disse isso pelos números Felipe...

F.M. – É, não, sim claro...

K.D. – ...é o mesmo comparativo com o karatê, o número de praticantes por...

F.M. – Mas, é, você acha que, é, é, esse, essa linha de pensamento no caso do karatê ela pode tar ocorrendo também, ou você acha mais difícil essa questão? Você enquanto, é apesar de ser filho de uma descendente de japonês, você é um descendente de japonês e tal, mas você acredita que pelo fato de você ser brasileiro, ser criado em um outro ambiente, numa outra cultura, é, a questão do karatê enquanto uma, uma cultura oriental ela já fica, é, não vou dizer perdida, mas ela já começa a fica rum pouco diferente daquilo que era o que seu mestre inicialmente passava pra você ou que seu mestre no Japão passa pra você, você vê muita diferença?

K.D. – Bom, eu, eu vou tentar dividir em duas partes aí. A primeira é a respeito sobre “o mercado pede”, né? É só a gente fazer um estudo. Você veja você tem até..., um competidor, ele tem que começar no mínimo aos 24 anos. E começa, faz dois anos de treinamento intensivo e já joga ele na competição. Ele vai ter uma vida útil aí de dois, três anos.

F.M. – As competições começam com 24 anos?

K.D. – Não. Eu tô dizendo uma pessoa até 24 anos tem condição de começar a treinar do zero e se tornar um campeão. Isso tendo bom técnico, boa assessoria. Eu vejo que essa parte eu consigo fazer isso com uma pessoa. Agora, com a pessoa já de 30 anos, por mais que você treine ela, ela não vai vencer um garoto que já vem lá dos 4, 5 anos treinando. Ele não vai conseguir tirar.

F.M. – É, e aí o garoto vai tar com 20 e ele com 30 pra depois...

K.D. – Isso. Ele não vai conseguir tirar. Você pode ensinar o que quiser. Ele vai ganhar talvez algumas lutas aí, mas isso não vai acontecer. Então isso já corta uma parte do mercado. Quem, quem são as pessoas? Acima de 25, 26 anos, pessoas que começam com essa idade, elas já não vem..., não tem a perspectiva de ir competir. Há uma procura? Eu não vejo nenhuma procura desse pessoal na cidade. Eu vejo procura dessa turma dessa idade em querer lutar, aprender, quero fazer golpes, quero lutar, quero... e depois até se incentivo ele vai competir com o tempo. No máster, no seniors, em outras categorias. Então o que acontece? Abaixo disso, nós temos as crianças, os jovens e os adolescentes (?)

e o mercado competitivo. Só que também temos uma outra parte. Desse, todo esse mercado dessa garotada jovem, apenas um chega no pódio. Um é campeão. Os demais perdem. Então durante um ano nós temos um campeão paulista, um campeão nacional, um campeão pan-americano, um campeão sul americano e um campeão mundial. O resto da população inteira, por exemplo do Brasil, que pratica karatê ta fora. Então o cara tem que trabalhar muito bem com a criança por que o quê acontece? A partir do momento em que ela perde a competição ou ela ganha mais apetite, ou ela se desincentiva. “Ah, perdi, tô fora”. “Ah, perdi de novo”, “ah, perdi de novo”, isso é o que acontece quando se começa. Perde-se, perde-se, perde-se para depois se ganhar.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então a pessoa fica desmotivada. Você perde uma fatia do mercado. Então o que acontece? A gente tem que trabalhar com os dois. Você vê, eu tenho uma equipe de treinamento para competição. Ela é um terço da turma que treina o karatê normal, sem competição. A minha equipe é de um terço. Agora eu pego as aca..., a maioria das academias que vão competir, a academia toda do cara é competição e apenas um terço faz o...

F.M. – Tem o resultado?

K.D. – ...faz o karatê..., é vamos dizer assim o karatê tradicional, sem competir.

F.M. – Ah, tá.

K.D. – Entendeu?

F.M. – Então, mas desses outros dois terços, aí quem é campeão mesmo diminui mais ainda.

K.D. – É, e a academia vai perdendo. A mãe briga com o professor porque o professor não é bom, que não ganhou, não tem paciência de esperar, o menino se machuca, tem problema de transporte, não tem patrocínio, gasta dinheiro demais, tudo isso vai afetando. Então o

que você tem que fazer? É, você tem que dar as duas opções. Então eu tenho esse entendimento a respeito sobre mercado de procura.

F.M. – Humrum.

K.D. – Então você tem que trabalhar em cima do que está sendo pedido, né? Se o cara é um top de linha, o mestre de taekwondo, como você falou, ah, seu eu pegar o mestre e perguntar pra ele se ele tá tendo aluno, ele não, tô trabalhando porque o mercado procura isso. Claro, ele tá pegando a fatia do mercado que visa a competição.

F.M. – Humrum.

K.D. – Mas pra fazer isso ele tem que ser um grande campeão. Ele tem que ter knowhow, ele tem que ter história, ele tem que ser técnico da seleção e tal. Eu conheço um cara do taekwondo, Marcelo Negrão, Carlos Negrão, desculpa. É Carlos Negrão. Marcelo Negrão é do vôlei. Carlos Negrão é técnico da seleção. Nunca eu falei com ele, nem vi ele nada. Conheço ele pelo nome. Mas tá sempre aí, né. Então, não lhe falta atletas de competição. Por quê? Porque ele é um cara, um ícone. Agora, um cara que acabou de se formar faixa preta, ele vai abrir pra dar aula, ele vai falir. A academia dele não vai durar um ano. A outra parte que você falou é o que vem da tradição. Será que a transição entre mestre que morre e o que assume que é brasileiro, é, é, a, a uma queda né...

F.M. – Um afastamento daquilo que era tradicional.

K.D. – Um afastamento. Eu acredito que não. O que se passa dentro da acade..., dentro da cabeças dos atletas, do pessoal brasileiro, que não é imigrante, é atleta, é praticante, ele pensa o seguinte: “Eu já estou cheio desses japoneses ficarem achando que eles sabem tudo”. “Só eles? Por que só eles são os mestres? Por que só eles querem mandar”? Então, brasileiro, ele tem uma gana de querer superar essas pessoas. E o único jeito de superar um mestre, um mestre que veio de imigrante, que é imigrante que veio aqui e fez carreira aqui, é você superar na área esportiva. Porque na área teórica, tradicional, você não vai superar, porque ele é maior na graduação. Ele é 9º Grau, 8º, 10º grau. Você é 5º grau, 6º grau, você não consegue superar. Então a população olha muito a graduação. Com a faixa, como o

poder do cara. Na verdade as faixas só segura as calças, né? Então isso, isso não quer dizer nada. Então a graduação 8º grau, como é que você que é faixa preta vai conseguir passar um cara que é 8º? Num da precisa de tempo. A não ser que você compre uma faixa, né.

F.M. – Humrum. Ou abra a sua própria federação, seu próprio estilo.

K.D. – E você mesmo se dá a graduação (risos). Então, o quê que acontece? Não existe jeito de passar esse pessoal. Único jeito de passar é sendo campeão. Hoje eu vejo que, por exemplo, eu sento com um mestre que é 8º grau, 6º grau, 7º grau, até 10º grau, eu mantenho respeito por ele. Mas se ele opinar errado sobre a minha pessoa eu respondo de igual pra igual com ele. Porque a minha medalha, a minha experiência em competição supera tão quanto à graduação dele. Eu sou um mestre na minha profissão, ele é um mestre na profissão dele. É como se tivesse...

F.M. – É, então vamo, vamo pensar agora...

K.D. – É complicado. Mas você entendeu o que acontece?

F.M. – Não, claro. Mas é que aí tem outras questões envolvidas. Você, você aponta que é o esporte que acaba..., sua conquista dentro do esporte que acaba te garantindo essa notoriedade, é, é compatível, vamos supor, com a notoriedade de um mestre de maior graduação tem. Só que a gente..., pensando por um outro lado, assim, o esporte é mais uma criação mais do ocidente, a, o, apesar dele estar difundido no oriente e lá se pratica esporte tanto quanto aqui, é, a lógica que rege o esporte é uma lógica muito mais ocidental no sentido em que ela democratiza entre aspas o acesso, no sentido assim..., é, mesmo que ela limite pra poucos esse acesso, alguém consegue acesso a vitória, né?

K.D. – Sim.

F.M. – Então ela, ela tem uma certa mobilidade, ela permite uma certa mobilidade coisa que no, na, no lado oriental, você tem a barreira da hierarquia sempre freando isso aí. O cara que é mais antigo, que é o precursor de determinada arte marcial, ele tem automaticamente a, a, o direito e o poder necessário para reger e dar os rumos, né, daquela

arte marcial. Então, é, é nesse sentido que eu estava falando, também a questão desse embate entre tradicional e, e o moderno chegando no, no coisa. Então assim, é, você vai até falar de igual pra igual, mas, é, são, são, vocês estão em canais diferentes.

K.D. – Sim, e não. Por exemplo, se eu chega na academia desse mestre 10º grau e discutir com ele, todos os alunos dele vão ficar indignado. Mesmo eu sendo campeão. E se eu..., se ele vier na minha academia e eu sou um campeão e ele discute comigo, todos os meus alunos vão ficar indignados. Vão falar: “óh meu, quem é esse cara? Só porque ele é 10º grau vai querer falar com campeão mundial”. Se tá entendendo? Então é o que você falou, nós estamos em sintonia diferente.

F.M. – Humrum.

K.D. – Porém, é, essa..., eu vejo..., essa procura, são duas pirâmides. Aqui, é difícil o cara chegar a esse ponto. É um só. E no esporte é igual. Por exemplo, quantos campeões do mundo temos? Um em cada esquina? Não, é um e outro. Quantos campeões panamericanos? É um e outro. Quantos campeões paulista? É um e outro. Então, é, acontece muito esse problema. A uma procura..., acho que em toda empresa. Você vai lá e quer ser diretor da empresa? Você entra e senta como diretor? Não tem como, você tem que vir lá do almoxarife, você é boy, vai subindo e olhe lá. E olhe a política e olhe não sei o quê, então tudo é uma pirâmide. Agora, no karatê, no esporte essa pirâmide é cruel.

F.M. – Humrum.

K.D. – Porque não tem condição. É uma coisa..., é, são mil, um milhão, 100 mil pessoas tentando uma vaga e um cara só sai. É diferente. Nós pegamos empresa, nós temos milhares de empresas no estado, né. Agora, pra ser campeão, por exemplo, do seu estado, é um só. Num dá pra ter outro do mesmo. Então é um cara pra todo mundo. É uma vaga pra todo, todo estado de São Paulo. É uma vaga pra toda nação brasileira. É uma vaga pra todo mundo. E numa empresa, por exemplo, se você senta no cargo de diretor, eu sou diretor de uma empresa de lixo, de reciclagem de lixo e você, é, diretor de uma empresa de telefonia celular. Eu e você temos o mesmo patamar. Falamos de igual pra igual. O cara é igual. São

empresas diferentes, mas nós dois somos direto. Já no esporte não acontece isso, é difícil você ver vários campeões, né?

F.M. – É, mas no entanto o campeão, ele teoricamente, falaria de igual pra igual com o outro mestre mais, mais graduado no caso.

K.D. – Sim. Assim diz porque é a arrogância nossa, né, de ter [palavra inaudível] tanto essas medalhas e pelo reconhecimento. Porque os mestres tradicionais, eles realmente têm um pensamento, eles acham que o esporte denigre a filosofia do, do atleta. E é verdade. O esporte denigre a filosofia, se o atleta não tiver boa base.

F.M. – Humrum.

K.D. – Agora, quando o atleta tem boa base, ele ganha competição, ele vai competir, mas ele compete com um nível espiritual filosófico. Então ele sabe que quando ele toma um soco em uma competição, ele aprendeu que se houver uma barreira na vida dele que impeça que ele avance, ele vai superar. Agora o cara que treina só pelo esporte, ele vai perder e ele vai olhar e falar assim: “Poxa na próxima eu quebro esse cara”. Quer dizer ele não aprendeu nada, né. Ele não viu os erros, ele não se corrigiu, ele ganhou mais ganância. Então, é, nós tamos assim lotado de, de gente assim, é o que eu mais vejo. O cara sobre no pódio, é um animal, não tem nenhuma filosofia, você fala assim: “esse cara não consegue ensinar nem, nem o cachorro a comer no prato” entendeu? Porque ele é tão ganancioso com os objetivos dele que ele não vê o que está passando não. Ele perdeu, perdeu o bonde né?

F.M. – Então, então, é, nesse ponto a gente chega naquele questionamento: Até que ponto a gente pode ver essa conciliação entre o que é esporte e o que é arte marcial? Na medida que o esporte tem essa questão de, de repente não olhar a índole da pessoa que está sendo campeã. Porque ele dá..., se ele for bom na prática ele vai conseguir ir lá, mas a índole dele ele não vai, as vezes não é..., não condiz com aquele método que ele tá tendo de ganhar, né, que ele ganhou por conta de habilidade física, habilidade técnica. E por outro lado, você tem a arte marcial que, que é extre..., vai, vai levar em consideração aquele que é mais antigo, aquele que é tradicional e aquela hierarquia mais cristalizada, né. Então,

assim, esse é o grande questionamento, eu acho que é a grande questão da..., pras artes marciais na medida que elas querem tanto ir pras olimpíadas, se tornarem conhecidas e tal, né. Essa é uma grande questão, você tem alguma coisa pra dizer nesse sentido?

K.D. – É, eu acho que vamos torcer pra entrar alguém muito sábio que tenha um a idéia muito grande pra unificar todo mundo. Porque, é, eu acho impossível.

F.M. – Humrum.

K.D. – Eu não vejo, é, hoje a Europa, ela acatou um sistema que ela deportou praticamente todos os mestres das federações.

F.M. – Todos os mestres japoneses no caso?

K.D. – É, todos os mestres, que sejam. Australianos, Holandês... Eles tiraram, todos. Então, por exemplo, nós temos a Espanha, é um exemplo disso. A França, a Inglaterra.

F.M. – Você tem administradores nas federações. Não tem praticantes.

K.D. – Isso. É isso mesmo. Você pega, por exemplo, a, a federação francesa, é, as pessoas que administram o karatê, não fazem karatê. São administradores de empresa, são contadores, são tesoureiros e aqui ainda no Brasil, nós vivemos isso. Por exemplo, nós temos o presidente, que é um praticante, ele é graduação, nós temos o vice-presidente que é praticante, nós temos o, o tesoureiro que é praticante, nós temos o a contabilidade que é praticante, todo mundo faz karatê. E pratica karatê.

F.M. – E conseguiram esse cargo em função de praticar o karatê.

K.D. – É. Não porque ele é bom nisso.

F.M. – Humrum. Às vezes o cara não sabe nem fazer conta.

K.D. – Não sabe. Ele assume porque faz karatê, é aluno e coloca o cara lá. Entendeu. Eu não sei em qual federação acontece isso, eu não vou pichar ninguém pra não correr o risco de me sujar. Mas acontece muito isso. Eu vejo, eu dou risada. Eu falo: “pô, custava por um administrador descente aí? Um cara que trabalhou, por exemplo, na rede do, do Fran’s café, do Carrefour e põe ele pra administrar a Confederação Brasileira”. Não. Os cara colocam o cara é, 5º grau faixa preta porque é, todo mundo reconhece ele, que ele foi um bom mestre não sei o quê, mas o cara não manja nada de contabilidade. Né. Administração, nada. Então, a Europa cresceu por causa disso.

F.M. – Mas aí, é um outro passo, em outra direção. Porque além de assumir o esporte dentro da arte marcial, eles assumiram a profissionalização também.

K.D. – Sim.

F.M. – É outra questão. Porque aí consegue recurso, consegue patrocínio, consegue tudo.

K.D. – Hoje, hoje o atleta, é, por exemplo, um atleta da França, da Inglaterra, da Espanha, eles recebem no mínimo aí 3000 dólares. Nem [palavra inaudível] por entregar a seleção. Fora a tua saúde, assistência médica, tudo isso aí..., eles tem treinamento, tem preparador físico, tem um centro de treinamento. No Brasil, cara, nós temos que pagar nossa própria inscrição. E você é atleta. Às vezes a confederação chega e fala assim: “Olha, vocês tem um mundial no, no país aqui da América Central, no México” e você tem que pagar do bolso, né. É, é incrível, né? Fui pra Itália agora, fui competir mundial de clubes e tive que pagar tudo do bolso. A confederação não tinha verba pra poder destinar, né. E, então o que aconteceu? Fiquei chateado. Falei: “Puxa, a federação não tem verba”? Aí a Confederação alegou que está sendo destinada toda verba pro mundial que vai ter agora em junho. Então ta destinando toda verba. Porque eles vão pagar hotel, passagem. É a primeira vez que aconteceu isso no, na história do karatê. São 20 dias que a confederação brasileira vai pagar pro atleta ficar hospedado no hotel 4 estrelas, com treinamento tudo. Então, quer dizer, está começando a acontecer alguma coisa.

F.M. – E da onde vem esse recurso? Como é, como é que vem?

K.D. – Olha, eu realmente não sei. Eu não sei se vem do meu bolso, se vem do bolso dos outros atletas.

F.M. – Mas tudo bem a anuidade que você vai pagar a Federação com certeza não vai cobrir uma despesa dessa.

K.D. – Eu acho que cobre. Eu, eu sou formado em economia eu sei como é que faz com uma contabilidade.

F.M. – Humrum.

K.D. – E eu digo que sobra dinheiro.

F.M. – Você acha que tem muito atleta pagando Federação o suficiente pra mandar 20 pro mundial...

K.D. – É e, talvez não 200 mundiais por ano mas pelo menos um mundial naquele, se consegue pagar. Ou alguma competição internacional, ou pelo menos as inscrições. Algo. Entendeu? Então, ta havendo um movimento. Tá entrando uma nova presidência, o pessoal tá sendo mais administrativo, mais profissional. Ta tratando o atleta como um profissional e, e varia do... houve racha na, na, na no tênis, houve racha no judô com o Mamédi com o Aurélio Miguel, e daí? Hoje eu, eu recebi uma comenda do Aurélio Michel e a gente tava lá na Câmara e ele veio entregar pessoalmente. Por serviços prestados. Eu olhei, é, uma, uma pessoa quer tava do meu lado falou assim: “Agora ele tá nadando...” como é ? “deitando e rolando. Agora ele tá recebendo bem, agora ta até mais gordinho e tal, não sei o quê”. Tudo bem. Eu ouvi o que ele disse e fiquei..., e dei risada. Depois eu fiquei pensando, puxa, mas esse cara que falou isso pra mim não pensou que o Aurélio Miguel, ele tá lá, ele é o primeiro cara que ta dando certificado pra gente. Fala..., não é nada sabe, mas ele ta lá falando serviço prestado. E esse certificado, eu vou por na minha academia e vai me dar um retorno, quando a pessoa olhar e falar: “Nossa olha, eu recebi..., você recebeu uma comenda do cara e tal”. E, quer dizer, foi bom o meu voto. Eu votei nele, eu votei no Aurélio pra vereador e olha foi o primeiro retorno. Eu disse isso pra ele. Falei:

“Olha, Aurélio, é, eu votei em você, não tô dizendo isso pra puxar o saco, mas eu quero dizer que eu votei e acertei porque eu já tô tendo retorno”.

F.M. – Hum.

K.D. – Né? Nunca tive isso. Votei em tanta gente e nunca tive isso. Então, quer dizer..., e ele retornou falando outra coisa, ele falou: “Kazuro, tá faltando voz de atleta”. As pessoas têm vergonha pra levantar, pegar um microfone e falar, as pessoas tem medo de, de expor. Ele falou assim: “Se tivesse mais pessoas assim, nós teríamos mais atletas na Câmara dos deputados até na presidência da república” ele falou. Ele falou: “é isso que eu penso. Então não tenha vergonha de levantar e falar o que você sabe. O que você pensa. Muda, faz uma mudança. É isso que eu tô fazendo aqui”.

F.M. – Existe, existe uma, uma tendência em se qualificar uma atleta como..., pelo fato dele trabalhar como físico, ser uma pessoa que não tem condição de pensar. Coisa que a gente sabe que não é bem assim.

K.D. – Não é.

F.M. – Até porque pra você se destacar na competição, você tem que ter um raciocínio tão elaborado quanto quem tá numa fábrica aí ou num escritório, trabalhando, por exemplo, pensamento rápido, perspicácia, é, meia de atacar e se defender. Então tudo isso é coisa que atleta sabe e..., é que é que ta o negócio, né, acho que é preciso que a pessoa também saiba se expressar, né?

K.D. – Eu vejo, pelo meu passado, eu vejo, meu pai, hoje ele é 8º grau, eu vejo pela..., o mestre dele foi imigrante, os mestres em geral, eu vejo que, é, muito essa frase: “Karatê esportivo não presta, isso não presta, na presta, não presta”. Então, o que acontece? Isso fez com que essas, esses imigrantes perdessem o posto dele. Perdesse o carinho do povo, essa autori..., essa posição imperial, sabe, de que o cara é Deus. Não existe. Deus é a pessoa que toma conta do, de todos nós. O resto, são meros bonecos. Então nós somos todos iguais. Independente da nossa capacidade financeira, ou seja, lá o que for. Então esses mestres perderam nisso. E nós, os esportistas de hoje, estamos perdendo exatamente

fazendo o mesmo erro só que de outra forma: “Poxa, o que importa é a medalha. Eu sou campeão. Aí todo mundo vai olhar, baixar a cabeça pra mim”. Quer dizer a gente tá cometendo o mesmo erro do que eles. Então, o que vai acontecer? Perde aluno, perde mercado, perde o profissionalismo. Vai se perdendo então...

F.M. – Mas mais do que perder aluno, perder mercado, é perder uma coisa que você pode..., que, que não tem preço e que você pode conquistar, que é a representatividade social, né.

K.D. – Sim.

F.M. – Dentro da comunidade. A pessoa te respeitar por você ser atleta e ser atleta de karatê ou de qualquer outra arte marcial, mas porque você é uma pessoa íntegra...

K.D. – Íntegra, um cidadão.

F.M. – ...uma pessoa respeitável.

K.D. – É, hoje, hoje a gente vê. Você pega por exemplo o, o presidente da república, né. Você coloca o presidente da república aqui na sua direita, e do lado esquerdo, você aparece com a..., vamo pegar aí..., uma menina que faz malhação. Tá saindo na... vamos pegar por exemplo a Débora Secco. Aí você põe ela lá, do lado ou a Sheila Mello. A Sheila Mello acho que é um bom exemplo. Você pega ela e coloca lá e trás o presidente da república. Ninguém vai lembrar do nosso presidente. Todo mundo vai pedir autógrafo pra ela, sendo que o presidente é autoridade máxima, é o que mais pensa, é o que mais tem estratégia no Brasil inteiro, é o que mais tem que pensar na sociedade, é o que pode mudar todo o nosso país, você vai lá pedir autógrafo pra ela. Por quê? Porque é exatamente o negócio da medalha, a fama, né. O pessoal olha pelo..., então a gente tem que mudar um pouco isso. E quem muda isso? É quem tá nas massas. Nós. Então hoje, na nossa entrevista, eu estou tentando passar isso aí. Muitas pessoas vão, vão ouvir, vão chegar a saber, então essas poucas pessoas que vão saber vão falar: “Puxa vida, eu tô fazendo isso na minha empresa”, “eu tô fazendo isso no meu trabalho”, “eu tô querendo aparecer por causa que eu tô com um terno da, da, seu lá, da Hugo Boss, eu tô usando lá da Napoleão Bonaparte”, “eu tô

usando um terno” e as pessoas olham no relógio, entendeu? E vão falar: “Nossa, ele é um aluno importante”. Quer dizer, se eu colocar você de cueca, pelado, ninguém vai saber que você existe. Então a fala, a conversação, a expo..., a pessoa expor a opinião ta sendo deixada de lado.

F.M. – Agora deixa eu fazer..., pra finalizar e ir prum outro caminho, que é o seguinte, é, bom, você..., pelo que eu entendi você se interessou pela arte marcial por um caminho natural dentro da sua família, né. Você tinha pai que estava praticando e depois o seu pai já foi criado num ambiente, é, mais oriental, né, no Bairro da Liberdade e tudo, né e depois se casou com uma descendente de japoneses, mas, é, logo no início da entrevista, você me comentou que você teve também o impulso de sempre tar vendo filmes e tal, é, e a questão que eu tenho pra fazer é a seguinte: se nesse, nesse período todo aí que você vem praticando, se você percebeu se isso foi importante não só pra sua chegada no karatê mas pra chegada de outras pessoas. A questão, é, você vê com o tempo no Brasil existe uma oferta maior de coisas relacionadas a cultura oriental. Através de filmes, revistas e tudo isso.

K.D. – A gente pode ver pelos carros hoje, certo? Porque os carros têm uns hieroglifos, letras orientais, é, japonesa. Por exemplo, a letra árabe é, é lida também. Você vê a letra árabe escrita, mas faltou o quê? Divulgação. Então acho que o mercado proporciona muito isso. O brasileiro é, é, ocidental, então as coisas que vem do oriente nos cativa. Quando você vai pro Japão, você vê o processo inverso. O japonês, ele não tem identidade mais. Ele não sabe se vestir, ele não sabe que tênis ele usa, ele não sabe que cor de cabelo ele pinta, ele, ele quer fazer um, um movimento pra se mostrar. Ele quer aparecer. Ele perdeu identidade. Então ele ta tentando capturar o que é europeu, o que é ocidental pra dentro do oriente. Então ninguém tá contente com o que tem, cara. Então não tem jeito, ele é o que..., com é que fala? O fruto do meu vizinho é sempre melhor do que o meu. E eu acho que isso que me trouxe pra arte marcial. Eu olhava, por exemplo, capo...

F.M. – Jogar futebol.

K.D. – É, pô, até o futebol tudo, sempre gostei, nunca joguei assim bem, mas é, sempre gostei do esporte, torço até hoje, mas por exemplo, falam de artes marciais, vem a

capoeira. Eu num vi interesse nenhum. Num vi interesse. É nato nosso, né, veio da África, de Angola, mas, é, virou uma arte brasileira. Então eu fico olhando e não tive graça. Falei: “Ah”. Aí eu comecei a assistir os filmes, que eu assistia sempre, e eu vi o Bruce Lee. Eu vi o Bruce Lee, eu vi o Bruce Lee, que eu queria ver o Bruce Lee, pedia pro meu pai que queria assistir o filme, meu pai tinha que me levar até escondido porque eu não entrava pra dentro dos cinemas nos filmes dele...

F.M. – Nos cinemas do Centro, daqui da, da capital?

K.D. – É, tinha muito lugar que passava porque o Bruce Lee morreu em 1974, né...

F.M. – 1978.

K.D. – ...é, uma coisa assim. E aconteceu de, de muitos filmes como Jogo da Morte ser relançado, na época eles tavam fazendo e eu pedia pra ele me levar. E eu queria fazer Kung Fu, porque eu sabia que o Bruce Lee fazia Kung Fu. E falava: “Pai eu quero fazer Kung Fu”. Ele: “Kung Fu é porcaria” [risos]. “O bom é karatê”. Aí eu falei: “eu não quero karatê eu quero kung fu porque o Bruce Lee faz kung fu”. De tanto ele me falar que era porcaria, me, me forçar..., um dia ele falou: “Vai pro treino”. Aí eu cheguei no treino, gostei, aí fui esquecendo do Kung Fu. Mas se eu não tivesse um pai que praticasse karatê com certeza hoje eu estaria fazendo kung fu. E tentaria ser um campeão em kung fu.

F.M. – Mas é engraçado você tocar nesse assunto porque as pessoas sempre apontam o Bruce Lee como, como aquele que fez com que eles...

[fim 1ª fita]

[Fita 2 não foi gravada]

[FINAL DA ENTREVISTA]